

O Pensamento Hétero¹

Monique Wittig (1980)

Em anos recentes em Paris, a linguagem enquanto fenômeno tem dominado os sistemas teóricos modernos e as ciências sociais, e entrou nas discussões políticas dos movimentos de libertação das lésbicas e das mulheres. Tal acontece porque a linguagem relaciona-se com um importante campo político onde o que está em jogo é o poder, ou, mais ainda, uma rede de poderes, uma vez que existe uma multiplicidade de linguagens que constantemente agem sobre a realidade social. A importância da linguagem enquanto tal como um interesse no jogo político foi apenas recentemente percebida². Mas o gigantesco desenvolvimento da linguística,

a multiplicação das escolas linguísticas, o advento das ciências da comunicação, e o tecnicismo das metalinguagens que estas ciências utilizam, representam os sintomas da importância daquilo que está em jogo politicamente. A ciência da linguagem invadiu outras ciências, como a antropologia através de Levi-Strauss, a psicanálise através de Lacan, e todas as disciplinas que se desenvolveram com base no estruturalismo.

1 Este texto foi lido pela primeira vez em New York na Modern Language Association Convention em 1978 e dedicado às lésbicas estadunidenses.

2 Todavia, os Gregos clássicos sabiam que não existia poder político sem domínio da arte da retórica, sobretudo na democracia.

A semiologia de Roland Barthes na sua fase inicial quase escapou ao domínio da linguística para tornar-se uma análise política dos diferentes sistemas dos signos, para estabelecer uma relação entre este ou aquele sistema de signos - por exemplo, os mitos da classe da pequena burguesia - e a luta de classes dentro do capitalismo que esse sistema tende a ocultar. Fomos quase salvas, pois a **semiologia política** é uma arma (um método) de que precisamos para analisar aquilo a que se chama a ideologia. Mas o milagre não durou. Em vez de introduzir na semiologia conceitos que lhe são estranhos - neste caso os conceitos do Marxismo - Barthes rapidamente declarou que a semiologia era apenas um ramo da linguística e que a linguagem era o seu único objetivo.

Assim, o mundo inteiro é apenas um grande registro onde as mais diversas linguagens surgem, sendo registradas, tal como a linguagem do Inconsciente³, a linguagem da moda, a linguagem da troca das mulheres onde seres humanos são literalmente os signos utilizados para comunicar. Estas linguagens, ou melhor, estes discursos, encaixam uns nos outros, interpenetram-se, apoiam-se uns aos outros, reforçam-se uns aos outros, auto originam-se, e dão origem uns aos outros. A linguística dá origem à semiologia e a linguística estrutural dá origem ao estruturalismo que por seu lado dá origem ao Inconsciente Estrutural. O conjunto destes discursos produz uma estática confusa para o(a)s oprimido(a)s, que o(a)s

3 Ao longo deste artigo, quando se refere o uso de Lacan do termo “o inconsciente” ele é posto em maiúsculas, seguindo o seu estilo.

faz perder de vista a **causa material da sua opressão** e o(a)s lança numa espécie de **vácuo a-histórico**.

Porque esses discursos produzem uma leitura científica da realidade social na qual os seres humanos são dados como invariantes, não tocados pela história e não trabalhados por conflitos de classe, com psiques idênticas porque geneticamente programadas. Esta psique, igualmente intocada pela história e não trabalhada por conflitos de classe, fornece aos especialistas, desde o princípio do século XX, um arsenal inteiro de invariantes: a linguagem simbólica que, muito vantajosamente, funciona com muito poucos elementos, já que, como os dígitos (0-9), os símbolos “inconscientemente” produzidos pela psique não são muito numerosos. Assim, estes símbolos são muito fáceis de serem impostos, através da terapia e da teorização, ao inconsciente coletivo e individual. Ensinam-nos que o inconsciente, com perfeito bom gosto, se estrutura por metáforas, por exemplo, o nome-do-pai, o complexo de Édipo, a castração, o assassinio-ou-morte-do-pai, a troca de mulheres, etc. Se o Inconsciente é fácil de controlar, não o é, porém, por qualquer pessoa. À semelhança das revelações místicas, a aparição dos símbolos na psique exige interpretações múltiplas. Apenas os especialistas conseguem decifrar o inconsciente. Apenas eles, os psicanalistas, podem (são autorizados?) a organizar e interpretar manifestações psíquicas que mostrarão o símbolo no seu significado pleno. E, enquanto que a linguagem simbólica é

extremamente pobre e na sua essência cheia de lacunas, as linguagens ou metalinguagens que a interpretam estão-se a desenvolver, cada uma delas, com uma riqueza, um aparato, que até agora apenas as exegeses bíblicas conseguiram igualar.

Quem deu aos psicanalistas o seu conhecimento? Por exemplo, para Lacan, aquilo a que ele chama o “discurso psicanalítico”, ou a “experiência analítica”, ambos lhe “ensinam” aquilo que ele já sabe. E cada um lhe ensina aquilo que o outro lhe ensinou. Mas quem irá negar que Lacan descobriu cientificamente, através da “experiência analítica” (de alguma forma um experimento) as estruturas do Inconsciente? Quem será suficientemente irresponsável a ponto de ignorar os discursos das pessoas psicanalizadas deitadas nos seus divãs? Na minha opinião não há dúvida que Lacan encontrou no inconsciente as estruturas que disse que lá encontrou, pois tinha-as previamente posto lá. As pessoas que não caíram sob o poder da instituição psicanalítica poderão sentir uma incomensurável sensação de tristeza perante o grau de opressão (de manipulação) que os discursos psicanalizados demonstram. Na experiência psicanalítica há uma pessoa oprimida, a pessoa psicanalizada, cuja necessidade de comunicação é explorada e que (da mesma maneira que as bruxas podiam, sob tortura, apenas repetir a linguagem que os inquisidores queriam ouvir) não tem outra hipótese (se não quer destruir o pacto implícito que lhe permite comunicar e de que precisa) senão tentar dizer o que é suposto ser dito. Dizem que isto pode durar uma vida inteira - cruel contrato que

constrange um ser humano a exibir o seu infortúnio a um opressor que é diretamente **responsável por esse infortúnio, que o(a) explora econômica, política e ideologicamente e cuja interpretação reduz esse infortúnio a umas quantas figuras de retórica.**

Mas poderá a necessidade de comunicação que este contrato implica ser satisfeita apenas na situação psicanalítica, no ser curada(o) ou usada(o) como “experiência”? Se acreditarmos em testemunhos recentes⁴ de lésbicas, feministas e homossexuais masculinos, tal não é o caso. Todos estes testemunhos sublinham o significado político da impossibilidade enfrentada por lésbicas, feministas e homossexuais na sua tentativa de comunicar na sociedade heterossexual, a não ser com um psicanalista. Ao compreender o estado geral das coisas (a pessoa não está doente nem procura a cura, tem um inimigo) o resultado é que a pessoa oprimida quebra o contrato psicanalítico. Isto é o que aparece nos testemunhos, juntamente com o ensinamento que o contrato psicanalítico não era um contrato feito com consentimento, mas um contrato forçado.

Os discursos que acima de tudo nos oprimem, lésbicas, mulheres, e homens homossexuais, são aqueles que tomam como certo que a base da sociedade, de qualquer sociedade, é a heterossexualidade⁵. **Estes discursos falam sobre**

4 Por exemplo, ver Karla Jay, Allen Young, eds *Out of the Closets* (New York: Links Books, 1972)

5 Heterossexualidade: uma palavra que apareceu pela primeira vez na língua francesa em 1911.

nós e alegam dizer a verdade num campo apolítico, como se qualquer coisa que significa algo pudesse escapar ao político neste momento da história, e como se, no tocante a nós, pudessem existir signos politicamente insignificantes. Estes discursos da heterossexualidade oprimem-nos no sentido em que nos impedem de falar a menos que falemos nos termos deles. Tudo quanto os põe em questão é imediatamente posto a parte como elementar. A nossa recusa da interpretação totalizante da psicanálise faz com que os teóricos digam que estamos a negligenciar a dimensão simbólica. **Estes discursos negam-nos toda a possibilidade de criar as nossas próprias categorias.** Mas a sua ação mais feroz é a implacável tirania que exercem sobre os nossos seres físicos e mentais.

Ao usarmos o termo demasiado genérico “ideologia” para designar todos os discursos do grupo dominante, relegamos estes discursos para o domínio das Ideias Irreais; esquecemos a violência material (física) que diretamente fazem contra as pessoas oprimidas, violência essa produzida pelos discursos abstratos e “científicos”, assim como pelos discursos dos *mass media*. Gostaria de insistir na opressão material dos indivíduos pelos discursos, e gostaria de sublinhar os seus efeitos imediatos através do exemplo da pornografia.

As imagens pornográficas, os filmes, as fotos de revistas, os pôsteres publicitários que vemos nas paredes das cidades, constituem um discurso, e este discurso cobre o nosso mundo com os seus signos, tem um significado: as

mulheres são dominadas. Os semióticos podem interpretar o sistema deste discurso, descrever a sua natureza. O que eles leem aí, são signos cuja função não é significar e que não têm qualquer razão de ser exceto a de serem elementos de um certo sistema ou natureza. Mas para nós este discurso não está divorciado do real tal como está para os semióticos. Este discurso não só mantém uma relação muito próxima com a realidade social que é a nossa opressão (econômica e politicamente), mas, igualmente, é em si próprio real já que é um dos aspectos da opressão, já que exerce um poder bem definido sobre nós. O discurso pornográfico é uma das estratégias de violência que são exercidas sobre nós: ele humilha, ele avilta, ele é um crime contra a nossa “humanidade”. Como técnica de assédio tem uma outra função, a de ser um aviso. Ordena-nos que nos mantenhamos na linha e mantém na linha aquelas que teriam tendência a esquecer quem são; **esse discurso chama o medo.** Estes peritos em semiótica a que nos referimos previamente censuram-nos por confundirmos os discursos com a realidade, quando nos manifestamos contra a pornografia. Não vêem que este discurso é a realidade para nós, uma das facetas da realidade da nossa opressão. Acreditam que estamos enganadas no nosso nível de análise.

Escolhi a pornografia como exemplo porque o seu discurso é o mais sintomático e o mais demonstrativo da violência que nos é feita através de discursos, assim como na sociedade em geral. Não há nada de abstrato acerca do poder que as ciências e as teorias têm de agir materialmente e

na realidade sobre os nossos corpos e as nossas mentes, mesmo se é abstrato o discurso que produz esse poder. É uma das formas de domínio, a sua própria expressão. Eu diria, alternativamente, um dos seus exercícios. **Todxs xs oprimidxs conhecem este poder e têm de lidar com ele. É aquele que diz: não tens o direito de falar porque o teu falar não é científico e não é teórico, estás a um nível errado de análise, estás a confundir discurso e realidade, o teu discurso é ingênuo, compreendes mal esta ou aquela ciência.**

Se o discurso dos sistemas teóricos modernos e da ciência social exercem poder sobre nós, é porque esse discurso trabalha com conceitos que nos tocam de perto. Apesar do advento histórico dos movimentos de libertação lésbica, feminista e gay, cuja ação já transtornou as categorias filosóficas e políticas dos discursos das ciências sociais, as suas categorias (assim brutalmente postas em questão) são, no entanto, utilizadas sem serem examinadas, pela ciência contemporânea. **Essas categorias funcionam como primitivos conceitos num aglomerado de toda a espécie de disciplinas, teorias e ideias correntes a que chamarei o *pensamento hétero*** (Ver o Pensamento Selvagem de Claude Levi-Strauss) Dizem respeito a “mulher”, “homem”, “sexo”, “diferença”, e a toda a série de conceitos que carregam esta marca, incluindo conceitos tais como “história”, “cultura”, e o “real”. E embora tenha sido aceite em anos recentes **que não existe semelhante coisa como a natureza, que tudo é**

cultura, permanece ainda um cerne de natureza que resiste a ser examinado, uma relação excluída do social na análise - uma relação cuja característica é inescapável na cultura, assim como na natureza, e que é **a relação heterossexual**. Chamar-lhe-ei a relação social obrigatória entre “homem” e “mulher” (Aqui refiro-me a Ti-Grace Atkinson e a sua análise do coito como uma instituição⁶.) Com a sua inescapabilidade erigida em conhecimento, em princípio óbvio, em dado pré-adquirido a qualquer ciência, o *pensamento hétero* desenvolve uma interpretação totalizante da história, da realidade social, da cultura, da linguagem e simultaneamente de todos os fenômenos subjetivos. Posso apenas sublinhar o caráter opressivo de que se reveste o *pensamento hétero* na sua tendência para imediatamente **universalizar a sua produção de conceitos em leis gerais que se reclamam de ser aplicáveis a todas as sociedades, a todas as épocas, a todos os indivíduos**. Assim, fala-se de conceitos como *a* troca de mulheres, *a* diferença entre os sexos, *a* ordem simbólica, *o* Inconsciente, Desejo, jouissance, Cultura, História, **dando um significado absoluto a estes conceitos, quando são apenas categorias fundadas sobre a heterossexualidade, ou sobre um pensamento que produz a diferença entre os sexos como um dogma político e filosófico**.

6 Ti-Grace Atkinson, Amazon Odyssey (New York: Links Books, 1974), pp.13-23.

A consequência desta tendência para a universalidade é que o *pensamento hétero* não pode conceber uma cultura, uma sociedade onde a heterossexualidade não ordenaria não só todas as relações humanas mas também a sua própria produção de conceitos e também todos os processos que escapam ao consciente. Além disso, estes processos inconscientes são historicamente cada vez mais imperativos naquilo que nos ensinam sobre nós próprio(a)s através da instrumentalidade dos especialistas. **A retórica que expressa estes processos (e cuja sedução eu não subestimo) reveste-se de mitos, recorre ao enigma, caminha pelo acumular de metáforas, e a sua função é a de poetizar o caráter obrigatório do "serás-hetero-ou-não-serás".**

Segundo este pensamento, rejeitar a obrigação do coito e das instituições que esta obrigação produziu como sendo necessárias para a constituição de uma sociedade, é simplesmente uma impossibilidade, já que proceder assim significaria rejeitar a possibilidade da constituição do outro e rejeitar a "ordem simbólica", tornar a constituição do significado impossível, sem o qual ninguém pode manter uma coerência interna. Assim, o lesbianismo, a homossexualidade e as sociedades que formamos não podem ser pensados nem falados, embora sempre tivessem existido. Assim, **o *pensamento hétero* continua a afirmar que é o incesto, e não a homossexualidade, o seu maior tabu. Assim, pelo *pensamento hétero*, a homossexualidade não passa de heterossexualidade.**

A sociedade hétero está baseada na necessidade, a todos os níveis, do diferente/outro. Não pode funcionar economicamente, simbolicamente, linguisticamente ou politicamente sem este conceito. Necessidade do diferente/outro é uma necessidade ontológica para todo o aglomerado de ciências e disciplinas a que chamo o pensamento hétero. Mas o que é o diferente/outro se não a(o) dominada(o)? A sociedade heterossexual é a sociedade que não oprime apenas lésbicas e homossexuais, ela oprime muitos diferentes/outros, oprime todas as mulheres e muitas categorias de homens, todas e todos que estão na posição de serem dominadas(os). Para constituir uma diferença e controlá-la é um “ato de poder, uma vez que é essencialmente um ato normativo. **Todos tentam mostrar o outro como diferente**, mas nem todos conseguem ter sucesso a fazê-lo. **Tem que ser socialmente dominante para se ter sucesso a fazê-lo**”⁷. Por exemplo, o conceito de diferença entre os sexos constitui ontologicamente as mulheres em diferentes/outras. Os homens não são diferentes, os brancos não são diferentes, nem o são os senhores. Mas os pretos, tal como os escravos, são. Esta característica ontológica da diferença entre os sexos afeta todos os conceitos que integram o mesmo aglomerado. Mas para nós não existe semelhante coisa que seja ser-mulher ou ser-homem. “Homem” e “mulher” são conceitos políticos de oposição, e a cópula que

7 Claude Fauriol and Phillipe Robert, *La Justice et son Public et les représentations sociales du système pénal* (Paris: Masson, 1978)

dialeticamente os une é, simultaneamente, aquela que irá abolir os homens e mulheres⁸. É a luta de classes entre mulheres e homens que abolirá os homens e as mulheres⁹. Não há nada de ontológico no conceito de diferença. É a única maneira como os senhores interpretam uma situação histórica de domínio. **A função da diferença é a de ocultar a todos os níveis os conflitos de interesse, incluindo os conflitos ideológicos.**

Por outras palavras, para nós, isto significa que não podem mais existir mulheres e homens, e que enquanto classes e categorias de pensamento ou linguagem eles têm que desaparecer, política, econômica, ideologicamente. **Se nós, lésbicas e homossexuais, continuarmos a falar de nós próprias(os) e a conceber-nos como mulheres e como homens, estamos a ser instrumentais na manutenção da heterossexualidade.** Tenho a certeza que uma transformação econômica e política, não irá desdramatizar estas categorias da linguagem. Podemos redimir escravo? Podemos redimir escarumba? Em que medida é a mulher diferente? Continuaremos a escrever branco, senhor, homem? A transformação das relações econômicas não será suficiente. Temos de produzir uma transformação política dos conceitos chave, isto é dos conceitos que nos são estratégicos. Há

8 Ver para a sua definição de “sexo social” Nicole-Claude Mathieu, “Notes pour une définition sociologique des categories de sexe”, *Epistemologie Sociologique* II (1971)

9 Do mesmo modo que para qualquer luta de classes em que as categorias de oposição são “reconciliadas” pela luta cujo objetivo é fazê-las desaparecer.

uma outra ordem de materialidade, a da linguagem, e ela é trabalhada de dentro por estes conceitos estratégicos. A linguagem é, ao mesmo tempo, intimamente ligada ao campo político, onde tudo o que concerne a linguagem, a ciência e o pensamento se refere à pessoa enquanto subjetividade e à sua relação com a sociedade¹⁰. **Não podemos deixar estas coisas no poder do pensamento hétero ou do pensamento de dominação.**

Se, de entre todas as produções do *pensamento hétero* questiono particularmente o estruturalismo e o Inconsciente Estrutural é porque: no momento histórico em que o domínio sobre os grupos sociais já não pode parecer uma necessidade lógica aos olhos das(os) dominadas(os), porque estas(es) se revoltam, porque estas(es) questionam as diferenças, Lévi-Strauss, Lacan e outros invocam necessidades que escapam ao controle do consciente e portanto à responsabilidade dos indivíduos.

Por exemplo invocam processos inconscientes, os quais exigem a troca de mulheres como condição necessária para cada sociedade. De acordo com esses autores é isso o que o inconsciente nos diz com autoridade, e a ordem simbólica, sem a qual não existe significado, linguagem, sociedade, depende do inconsciente. Mas o que significa a troca de mulheres se não que são dominadas? **Não é, pois de admirar que haja apenas um inconsciente e que esse seja heterossexual.** É

10 Ver Christine Delphy, "Pour un Féminisme Matérialiste," l'Arc 61
Simone de Beauvoir et la lutte des femmes, que aparece em
Feminist Issues.

um inconsciente que protege demasiado conscientemente os interesses dos senhores¹¹ nos quais vive para que estes possam facilmente ser despojados dos seus conceitos. **Além disso, o domínio é negado, não existe a escravidão das mulheres, existe a diferença.** Ao que responderei com esta frase de um camponês romeno numa assembleia pública em 1848: **"Porque dizem os senhores que não se tratou de escravidão, uma vez que nós sabemos que foi escravidão, este sofrimento que sofremos"**. Sim, sabemos, e esta ciência da opressão não nos pode ser tirada.

É a partir desta ciência que temos de descobrir o rosto "óbvio" do heterossexual, e (parafraçando o Roland Barthes inicial) não deveremos suportar "verem-se constantemente confundidas Natureza e História"¹². Temos de tornar brutalmente claro que o estruturalismo, a psicanálise e particularmente Lacan transformaram rigidamente os seus conceitos em mitos - a Diferença, o Desejo, o Nome-do-pai, etc. Estes psicanalistas até "sobre-mitificaram" os mitos, uma operação que lhes era necessária para sistematicamente heterossexualizarem aquela dimensão pessoal que repentinamente surgiu através dos indivíduos dominados no campo histórico, particularmente através das mulheres, que começaram a sua luta há quase dois séculos. E isto tem sido feito sistematicamente num concerto de interdisciplinaridades, nunca tão harmoniosamente desde que os mitos

11 São os milhões de dólares ganhos pelos psicanalistas todos os anos simbólicos?

12 Roland Barthes, *Mythologies* (New York: Hill and Wang, 1971), p.11

heterossexuais começaram a circular facilmente de um sistema formal para outro, como valores certos e seguros que podem ser investidos na antropologia como na psicanálise e em todas as ciências sociais.

Este conjunto de mitos heterossexuais é um sistema de signos que usa figuras de retórica, e por isso pode ser estudado politicamente de dentro da ciência da nossa opressão; "pois-sabemos-que-foi-escravidão" é a dinâmica que introduz o diacronismo da história no discurso pré-estabelecido das essências eternas. Esta tarefa deveria ser de algum modo uma semiologia política, embora, com este "sofrimento que sofremos", trabalhemos também ao nível da linguagem/manifesto, da linguagem/ação, tudo o que transforma, tudo o que faz história.

No entanto, nos sistemas que pareciam tão eternos e universais que se lhes podiam extrair leis, leis que podiam ser enfiadas em computadores, e em todo o caso, para já, enfiadas no mecanismo inconsciente, nestes sistemas, graças à nossa ação e à nossa linguagem, estão acontecendo mudanças de enfoques. Um modelo tal como a troca de mulheres, re-submerge a história de modo tão violento e brutal que o sistema inteiro, que se acreditava ser formal, desaba para outra dimensão do conhecimento. Esta dimensão da história pertence-nos, já que de algum modo fomos designadas e uma vez que, como disse Levi-Strauss, **falamos, então deixe-nos que quebramos o contrato heterossexual.**

Portanto, isto é o que dizem as lésbicas neste país e em alguns outros, se não com teorias então pelo menos através da sua prática social, cujas repercussões na cultura e sociedade hétero são ainda incalculáveis. Um antropólogo poderá dizer que temos de esperar 50 anos. Sim, si se quiser universalizar o funcionamento destas sociedades e fazer com que apareçam as suas invariantes. Entretanto os conceitos hétero estão minados. **O que é a mulher? Pânico, alarme geral para uma defesa ativa.** Francamente, este é um problema que as lésbicas não têm por causa de uma mudança de perspectiva, e **seria incorreto dizer que as lésbicas se associam, fazem amor, vivem com mulheres, pois “mulher” tem significado apenas em sistemas de pensamento heterossexuais e em sistemas econômicos heterossexuais. As lésbicas não são mulheres.**

(Monique Wittig, *The Straight Mind and other Essays*, Boston: Beacon, 1992)

Tirado do site
<http://mulheresrebeldes.blogspot.com.br/2010/07/sempr-e-viva-wittig.html>

Copyleft: Copie e distribua livremente